



O teatro e a literatura brasileira – afinidades e distanciamentos

O tema do dossiê da presente edição de *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira* – “O Teatro e o Brasil” – nasceu da vontade de abrir maior espaço para os estudos teatrais dentro do campo dos estudos literários, ao qual pertence a revista.

Aparentemente, há várias décadas, não apenas no Brasil, o interesse crítico e teórico pela literatura teatral (ou dramática) foi minguando nos cursos de Letras e em seus programas de pós-graduação. Tal rarefação se explica, em partes, pela crescente ênfase que passou a ser dada aos estudos do espetáculo como componente decisiva do teatro (Carlson, 2009). Conceitos como *teatralidade*, *mise-en-scène*, *performance*, *presença*, *jogo* etc. tornaram-se palavras-chave neste processo que questionou a centralidade do texto nos estudos sobre teatro e evidenciou a necessidade de novos instrumentos analíticos para melhor lidar com a materialidade do acontecimento teatral. Estudos sobre teatro se aproximaram, portanto, das artes visuais, dos estudos culturais sociológicos, da historiografia e até da antropologia ou da filosofia, na mesma medida em que perdiam espaço e interlocução no campo das Letras. Em paralelo, no Brasil, com a multiplicação de cursos de Artes Cênicas nas principais universidades desde os anos 1970, as pesquisas sobre teatro, pouco a pouco, foram também migrando para este espaço mais especializado.

Acontece que a ruptura, ainda que tenha aberto espaço para novas perspectivas analíticas, também alimentou um vácuo reflexivo que merece ser problematizado, tanto na área dos estudos literários quanto na dos estudos teatrais. De um lado, a presença rarefeita do teatro nos estudos literários brasileiros resulta num “empobrecimento” (Candido, 2000, p. 12) da compreensão dos principais ciclos da literatura local e de nossos momentos decisivos, como já pressentia e se desculpava Antonio Candido no primeiro prefácio da *Formação da literatura brasileira*¹. No século XIX,

¹ “o preparo deste livro, feito por etapas, de permeio a trabalhos doutra especialidade, no decorrer de muitos anos, obedeceu a um plano desde logo fixado, por fidelidade ao qual respeitei, na revisão, certas orientações que, atualmente, não teria escolhido. *Haja vista a exclusão do teatro, que me pareceu recomendável para coerência do plano, mas importa, em verdade, num empobrecimento, como verifiquei ao cabo da tarefa.* O estudo de peças de

por exemplo, o teatro ocupou espaço central e incontornável no debate literário. Difícil encontrar um grande autor de romances que não tenha se aventurado também na dramaturgia, na crítica teatral ou nos debates e polêmicas sobre o teatro nacional.

De outro lado, os estudos teatrais, grosso modo, muitas vezes ostentam posições desmedidas de interesse pelas formas do espetáculo até ao ponto de abandonar completamente os aspectos literários da dramaturgia em favor de uma oposição dualista entre texto e cena. Como não poderia deixar de ser, multiplicam-se análises com flagrantes dificuldades teóricas nesta área e que negligenciam importantes debates da literatura.

A “hipótese” acima – se é que podemos chamá-la assim – é apressada, algo genérica e, obviamente, carece de base teórica e elementos analíticos mais sérios. Seja como for, é uma avaliação que levou à proposta de tema deste dossiê. A ideia é tentar (re)abrir espaços reflexivos sobre teatro no ambiente dos estudos literários, um encontro que tem potencial de promover ganhos críticos em ambas as áreas. A proposta soma-se aos esforços da área de Literatura e Outras Artes da Faculdade de Letras da UFMG, que vem já há um bom tempo buscando expandir tais afinidades.

Parte do conjunto de artigos que compõem o dossiê dá notícias de um movimento marcante nos últimos anos: a atenção pelo contrapelo da historiografia clássica sobre teatro brasileiro. O artigo de Claudia Barbieri recupera a recepção crítica da peça *No fundo do poço*, de Helena Silveira, cuja estreia em 1950, com montagem do importante Teatro Popular de Arte, movimentou intenso debate na época. Ainda assim, peça e autora figuram apenas em notas de rodapé dos principais textos sobre o período. Diógenes André Vieira Maciel e Monalisa Barboza Santos Colaço escrevem sobre dramaturgia paraibana dos anos 1970, um fértil movimento regional, moderno e popular do teatro brasileiro quase sempre também deixado à margem dos marcos historiográficos sobre teatro no Brasil do século XX,

Magalhães e Martins Pena, Teixeira e Sousa e Norberto, Porto-Alegre e Alencar, Gonçalves Dias e Agrário de Menezes, teriam, ao contrário, reforçado os meus pontos de vista sobre a disposição construtiva dos escritores, e o caráter sincrético, não raro ambivalente, do Romantismo. Talvez o argumento da coerência tenha sido uma racionalização para justificar, aos meus próprios olhos, a timidez em face dum tipo de crítica – a teatral – que nunca pratiquei e se torna, cada dia mais, especialidade amparada em conhecimentos práticos que não possuo” (Candido, 2000, p. 12, grifos nossos).

que na maior parte das vezes toma o Sudeste como o todo. Também nesse sentido, o artigo de Hadoock Ezequiel Araújo de Medeiros e Naelza de Araújo Wanderley sobre Dona Dadi, dramaturga e bonequeira do popular teatro de bonecos do João Redondo no Rio Grande do Norte, mostra como a artista construiu uma inflexão feminina para aquela manifestação artística de larga inserção popular e pouco estudada.

O dossiê apresenta também artigos sobre obras e autores já incontornáveis quando se pensa no teatro moderno brasileiro. Flávio Rodrigo Penteado revisita a principal bibliografia sobre o teatro do modernista Oswald de Andrade e promove uma nova análise sobre a peça *A morta*. Letícia Gomes do Nascimento toma por objeto a obra final de Oduvaldo Vianna Filho, *Rasga coração*, de 1974, com especial atenção para sua estrutura, toda atravessada por *flashbacks* e justaposições de planos. Por fim, o artigo de Helciclever Barros da Silva Sales e Wagner Corsino Enedino sobre adaptação portuguesa para o cinema da peça *Quando as máquinas param*, de Plínio Marcos.

O conjunto de artigos contempla ainda estudos sobre acontecimentos teatrais importantes para o ambiente local. O texto de Gabriel Esteves analisa uma série de escritos e crônicas sobre dramaturgias de Victor Hugo e Alexandre Dumas representadas do Teatro Constitucional Fluminense em 1836. Já Esther Marinho Santana reflete sobre as grandiosas turnês do musical estadunidense *Porgy and Bess* e da Ópera de Pequim no Brasil em 1955 e 1956, que decerto animaram os debates num momento em que os esforços por uma cena moderna e crítica só cresciam por aqui. Por fim, o dossiê contempla um debate sobre práticas pedagógicas atuais no Brasil que lidam com formas de oralidade do gênero dramático associadas às formas pedagógicas de sala de aula.

É uma amostragem representativa de estudos interessados nas relações entre a velha arte dos palcos e este território cheio de fraturas e tragédias que é o Brasil. Cabe destacar um dado importante: o dossiê tem artigos escritos por pesquisadoras e pesquisadores de diferentes regiões do Brasil, o que mostra um potencial de convergência nacional de estudos sobre literatura brasileira que a revista possui e que deve continuar incentivando.

Paulo Bio Toledo

Referências

CARLSON, Marvin. *Performance: uma introdução crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.